

A QUESTÃO DAS (I)MOBILIDADES NOS ESTUDOS SOBRE TRABALHO

Laura Alves Scherer¹[0000-0003-1803-3014]
Aline Mendonça Fraga²[0000-0002-4240-464X]

¹ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

² Universidade Federal do Paraná (UFPR)

laurascherer@unipampa.edu.br, alinemf.adm@gmail.com

Resumo. O presente ensaio teórico, em construção, tem como objetivo geral discutir a(s) (i)mobilidade(s) relativas ao trabalho impostas a pessoas e organizações na sociedade contemporânea e colocada(s) em evidência diante da pandemia de COVID-19. Considera-se que na ordem capitalista globalizada, as leis de mercado perturbam os modos de regulação por meio da desterritorialização do poder econômico e da reterritorialização do trabalho, o que acaba provocando tensionamentos e desigualdades que afetam Estados, organizações e indivíduos. Assim, a mobilidade se torna um valor altamente cobiçado na atualidade, enquanto a liberdade de movimentos se torna uma escassa mercadoria desigualmente distribuída. Nesse contexto, surgem indagações a respeito de tais (i)mobilidades que serão analisadas neste ensaio em três perspectivas: 1) Em perspectiva geográfica, com questionamentos sobre as (im)possibilidades para atravessar fronteiras, sobretudo internacionais, conforme local de origem e status sociocultural; 2) Em perspectiva tecnológica, tencionando os limites e os desafios da mobilidade digital para o trabalho e para formação profissional; e, por fim, 3) Em perspectiva social, debatendo a influência de marcadores sociais de diferença e os impactos das crises econômicas para a mobilidade social no mercado de trabalho. No conjunto, essas perspectivas permitem elaborar questões que ancoram a proposição deste ensaio e constroem reflexões e caminhos para um mosaico de estudos independentes e complementares entre si. Como contribuição, espera-se que o conhecimento acerca das (i)mobilidade(s) geográficas, tecnológicas e sociais relativas ao trabalho impostas a pessoas e organizações na sociedade contemporânea, venha a contribuir para a consolidação e ampliação sobre o tema nas ciências sociais aplicadas, especialmente na área de Administração.

Palavras-chave: Mobilidade. Migrações. Relações de Trabalho. Marcadores sociais de diferença. Pandemia.

Introdução

Considera-se que vivemos na era das mobilidades (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020; ELLIOT; URRY, 2010; RODRIGUEZ; MEARNS, 2012), ainda que existam estruturas e elementos contextuais que limitam ser ou estar móvel, produzindo estratificações. Narrativas hegemônicas no mundo do trabalho demandam que as pessoas se coloquem como flexíveis e abertas às mudanças de espaço, cidade, estado e país. Assim, à mobilidade foi concedido o status de capital simbólico e o imperativo ‘mexa-se’ passou a ser o mote da ordem atual (FREITAS, 2009). Contudo, para que exista mobilidade é preciso imobilidade – muitas pessoas precisam permanecer imóveis para que as outras se movimentem (BAUMAN, 1999; CRESSWELL, 2006; 2016;

ELLIOT; URRY, 2010). Cenário que se tornou mais evidente diante do contexto da pandemia de COVID-19.

Nesse sentido, este ensaio teórico, em construção, tem como objetivo geral discutir a(s) (i)mobilidade(s) relativas ao trabalho impostas a pessoas e organizações na sociedade contemporânea e colocada(s) em evidência diante da pandemia de COVID-19. Argumenta-se que tal proposta pode estimular futuras pesquisas sobre (i)mobilidade(s) relativas ao trabalho: 1) Em perspectiva geográfica, com questionamentos sobre as (im)possibilidades para atravessar fronteiras, sobretudo internacionais, conforme local de origem e status sociocultural. Nesse eixo, destacam-se os percursos de migrantes e refugiados dos atuais fluxos migratórios do sul global e seus desafios no mercado de trabalho brasileiro; 2) Em perspectiva tecnológica, tencionando os limites e os desafios da mobilidade digital para o trabalho e para formação profissional. Evidenciam-se as novas dimensões de tempo-espço e as dinâmicas de trabalho-casa de pessoas em condição de trabalho remoto integral ou parcial em razão da pandemia. Além disso, percebe-se a ampliação das possibilidades de estudo em modelo híbrido ou a distância; e, por fim, 3) Em perspectiva social, debatendo a influência de marcadores sociais de diferença e os impactos das crises econômicas para a mobilidade social no mercado de trabalho. Ressaltam-se os casos de empreendimentos iniciados como alternativa após o desemprego, os (des)caminhos necessários para transição de carreira e os atravessamentos relativos a classe, etnia, geração, gênero e/ou sexualidade que se mostram como privilégios ou barreiras conforme o campo de atuação.

(I)mobilidades Geográficas

A globalização traz mobilidade internacional para quem? Expatriado, imigrante e/ou refugiado: que estrangeiro pode atravessar fronteiras?

Ao passo que ocorre o estreitamento do mundo devido às facilidades de comunicação, transporte e tecnologia, evidenciam-se pessoas e organizações em mobilidade internacional, cruzando fronteiras geográficas para negócios. Por outro lado, disputas de poder globais e locais impulsionam pessoas a deixarem sua terra em busca de sobrevivência e/ou trabalho. Ambos os fluxos promovendo interações culturais, econômicas, sociais e (re)modulando demografias (CHANLAT; DAVEL; DUPUIS, 2013).

Temas como (auto)expatriação, repatriação, executivas e executivos globais, mobilidade acadêmica, cultural e religiosa, fuga de cérebros, intercâmbio, turismo voluntário, refugiados, migrantes internos, econômicos e ambientais – são exemplos das discrepâncias de mobilidades geográficas.

(I)mobilidades Tecnológicas

Quais os limites e desafios da mobilidade digital para o trabalho e formação profissional? Para quais carreiras ela se apresenta?

O impacto da tecnologia nas (i)mobilidades também vem modificando modos de trabalhar e elementos que compõem a relação vida-trabalho. *Home office*, teletrabalho, trabalho remoto e outras formas organizativas que flexibilizam as relações de trabalho têm se disseminado (HISLOP; AXTELL, 2007). Os vínculos veem-se cada vez mais fluidos, envoltos na coexistência entre imobilidade geográfica e mobilidade digital, a exemplo dos denominados nômades digitais (AL-HADI; AL-AUFI, 2019). Tal realidade

que alcança grandes e pequenos centros urbanos, guardadas as devidas características contextuais.

Temas que inter cruzam trabalho e migração articulados com nomadismo digital, teletrabalho, novas configurações do espaço laboral que adentra o local de moradia e os desafios para paternidades, maternidades e arranjos familiares – são exemplos das discrepâncias de mobilidades tecnológicas.

(I)mobilidades Sociais

Quais os impactos das crises econômica e sanitária para a mobilidade social no mercado de trabalho? Como marcadores sociais de diferença configura privilégios e restrições para a mobilidade social em diferentes carreiras?

Ainda, é preciso destacar as diferentes marcas de (i)mobilidade social relacionadas ao trabalho (CRESSWELL; DOROW; ROSEMAN, 2016) que acompanha a trajetória de vida de pessoas e grupos sociais. Considera-se que a possibilidade de ascensão social possibilitada pelo acesso ensino superior se fez presente no mundo do trabalho brasileiro, contudo, é persistente a replicação de desigualdades e estratificações devido à diferenciação entre o ensino de acesso popular e aquele historicamente reservado às elites. Nesse sentido, grupos socialmente minoritarizados vivenciam intensificação da descensão por desemprego, a flexibilização e a precarização do trabalho que exigem expressões de resistência e resiliência, por meio de novas formas de trabalhar, organizar, empreender e se (re)inventar.

Temas como espaços sociais de circulação, territórios, expressões de resistência e resiliência, empreendedorismo, inserção e transição no mercado de trabalho, barreiras relativas à classe, etnia/raça, geração, gênero e sexualidade, profissões ligadas às (i)mobilidades – são exemplos das discrepâncias de mobilidades sociais.

Reflexões em andamento

Embora tais contextos possam ser caracterizados como transformações do mundo do trabalho, a pandemia de Covid-19 instaurada globalmente veio desvelar desigualdades, facilidades, dificuldades e desafios de pessoas e organizações. A crise sanitária global afetou de modo sem precedentes os modos de viver e trabalhar e nos fazem questionar se as consequências serão tão fugazes quanto seu imperativo, se a escolha de se manter móvel ou imóvel se tornará um indicador de privilégio ou se os efeitos do período pandêmico deixarão marcas profundas e irreparáveis no contexto de trabalho ora conhecido.

Ao final deste ensaio teórico, espera-se ter produzido conhecimento acerca das (i)mobilidade(s) geográficas, tecnológicas e sociais relativas ao trabalho impostas a pessoas e organizações na sociedade contemporânea, contribuindo para a consolidação e ampliação do olhar para este tema nas ciências sociais aplicadas, especialmente na área de Administração.

Referências

AL-HADI, Nehad Ali; AL-AUFI, Ali Saif. Information context and socio-technical practice of digital nomads. *Global Knowledge, Memory and Communication*, v. 68, n.

4/5, p. 431-450, jun, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERRY, Daphne P.; BELL, Myrtle P. 'Expatriates': gender, race and class distinctions in international management. *Gender, Work & Organization*, v. 19, n. 1, p. 10-28, jan, 2012.

CHANLAT, Jean-François; DAVEL, Eduardo; DUPUIS, Jean-Pierre. (Eds). Cross-cultural management: culture and management across the world. New York, USA: Routledge, 2013.

CRESSWELL, Tim. On the move: mobility in the modern Western world. New York, USA: Routledge, 2006.

CRESSWELL, Tim; DOROW, Sara; ROSEMAN, Sharon. Putting mobility theory to work: Conceptualizing employment-related geographical mobility. *Environment and Planning A: Economy and Space*, v. 48, n. 9, p. 1787-1803, may, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. 2. ed. Volume 5. São Paulo, BR: Editora 34, 2012.

ELLIOT, Anthony; URRY, John. Mobile lives. New York, USA: Routledge, 2010.

FREITAS, Maria Ester de. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamôsmos nômades? *Organizações & Sociedade*, v. 16, n. 49, p. 247-264, abr-jun, 2009.

GAULEJAC, Vincent. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida, SP/BR: Ideias & Letras, 2007.

HAAS, Hein. De; CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World. London, UK: Red Globe Press, 2020.

HISLOP, Donald; AXTELL, Carolyn. The neglect of spatial mobility in contemporary studies of work: the case of telework. *New Technology, Work and Employment*, v. 22, n. 1, p. 34-51, mar, 2007. RODRIGUEZ, [Jenny .K.](#); MEARNNS, [Leslie](#). Problematising the interplay between employment relations, migration and mobility. [Employee Relations](#), v. 34, n.6, p. 580-593, sept, 2012.